

## AS ESTRUTURAS DO MUNDO-DA-VIDA E SEU SIGNIFICADO PARA A GEOGRAFIA

RAFAEL BASTOS FERREIRA<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho propõe retomar o debate sobre o conceito “mundo-da-vida” (*Lebenswelt*) a fim de ampliar seu significado na ciência geográfica, porém, não visando lembrar sua inserção na tradição da geografia humanista, mas sim, desejando uma fundamentação nos escritos diretos de Husserl. Diante disso, algumas interrogações norteiam o texto: em que momento particular o conceito mundo-da-vida surge nas ideias de Husserl? Quais suas compreensões possíveis? Tais perguntas nos fornecerão subsídios para melhor compreender em que sentido o conceito “mundo-da-vida” pode trazer riqueza para a ciência geográfica. Portanto, o título “As estruturas do mundo-da-vida e seu significado para a Geografia” quer uma fundamentação filosófica e sua possibilidade para a ciência geográfica.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; Filosofia; Geografia fenomenológica.

### ABSTRACT

This paper proposes to get back the subject on the concept of “lifeworld” (*Lebenswelt*) in order to expand its meaning in geographical science, but not in order to remember their inclusion in the geography humanist tradition, but, wishing a substantiation in Husserl's writings direct. Therefore, some questions guide the text: in which particular moment the lifeworld concept appears in Husserl's ideas? which one are the possible understandings? Such questions will give us subsidies to better understand in what sense the concept “lifeworld” can bring wealth to geographical science. Therefore, the title of “The lifeworld structures and its meaning for the Geography” wants a philosophical substantiation and its probably change to geographical science.

**Key-words:** Phenomenology; Philosophy; Phenomenological geography.

---

<sup>1</sup> Geógrafo e Discente do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (FCA/UNICAMP). E-mail: [rafael.ferreira@fca.unicamp.br](mailto:rafael.ferreira@fca.unicamp.br)

## 1. Introdução

O texto põe em movimento um conceito filosófico como possibilidade de pensar a ciência geográfica ou parte dela. No entanto, não buscaremos conduzir uma investigação no campo epistemológico, isto é, relembrar o assunto que permeou na tradição humanista no final do século XX. Assim, sem qualquer pretensão de um discurso inovador, nesta ocasião, desejamos investigar e compreender diretamente seu fundamento nos escritos de Edmund Husserl (1859-1938). O mundo-da-vida (*Lebenswelt*) é, portanto, o conceito fenomenológico que se propõe investigar cuidadosamente neste trabalho.

Com efeito, temos interesse sistemático que visa um aprofundamento rigoroso sobre as ideias de Husserl. À mão de suas leituras, evidenciamos que há bons elementos de sua filosofia que podem trazer contribuições e riqueza de conhecimento para a ciência geográfica. É nesse sentido, que o mundo-da-vida tem sido já algum tempo, tema da sociologia, geografia, psicologia, educação e, portanto, se apresentando o conceito fenomenológico mais utilizado nas ciências sociais (PICKLES, 1985).

Em seu vigor, o conceito mundo-da-vida é apresentado no último Husserl<sup>2</sup>, especialmente, na obra “A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental” (*Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendentale Phänomenologie*). Nesta fase derradeira, Husserl intensifica a crítica às ciências positivas e a filosofia e, por outro, marca um momento de reviravolta metodológico onde se destaca não somente uma crise das ciências, mas sobretudo, da vida (RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, 1974). “É principalmente nesses escritos que Husserl denuncia explicitamente a crise de sentido e da razão da filosofia e ciência positivista, evidenciando o quanto o distanciamento entre as ciências e o mundo-da-vida” (GOTO, 2013, p. 34).

Portanto, para Biemel (1968) a “Crise” revela uma nova empreitada filosófica: primeiramente, ele (Husserl) volta para uma interpretação histórica – história do

---

<sup>2</sup> O pensamento de Husserl, segundo alguns comentadores, se distingue nas seguintes fases: “[...] das *Investigações Lógicas* caracterizadas por um logicismo essencialista; das *Ideias* como o idealismo transcendental; da *Crise* com o vitalismo historicista” (ZILLES, 2008, p. 13).

saber e do autoconhecimento do homem. Em segundo, essencialmente, “*intenta definir el sentido, comprender la génesis y buscar la superación de la crisis que padecen la ciencia y la vida*” (RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, 1974, p. 311). Nesse sentido, o tema mundo-da-vida é a denúncia do distanciamento das ciências positivas em detrimento de seus pressupostos teóricos e metodológicos que a conduziu a uma racionalização e matematização da natureza. Portanto, Husserl (2012, p. 3) assim se manifestou: “Meras ciências de fatos fazem meros homens de fatos”.

Em sua clareza, a chegada do tema mundo-da-vida ressoa em seu sentido mais fundamental de (re)pensar o conhecimento e a vida humana. Com efeito, para além de uma categoria analítica, de torná-lo um mero mecanismo ou procedimento de investigação científico, deseja-se compreendê-lo como o “solo” originário das significações humanas, do qual se amplia os horizontes das experiências, de vontades do *eu* e dos *outros* em seu compartilhamento mútuo (intersubjetivo). Diante disso, o trabalho se divide em duas partes: 1) visa uma leitura fundamental do conceito mundo-da-vida nos escritos de Husserl, buscando compreender em que momento ele surge nas ideias do filósofo e suas variações teóricas possíveis. 2) Após este levantamento, tematizá-lo no campo do conhecimento geográfico. Certamente, teremos lacunas sobre esta tarefa: em primeiro, devido a grandiosa obra de Husserl e, sem segundo, o pouco espaço que o artigo proporciona.

Portanto, como condição última, o esforço deste trabalho, ainda que limitado e em sua primeira tentativa, visa compreender em que sentido este conceito pode trazer riqueza para a ciência geográfica ou como ele pode ser pensado como conhecimento geográfico para as possibilidades de “uma geografia do mundo-da-vida”.

## 2. As estruturas do mundo-da-vida

Nesta seção, objetivamos fazer um estudo sistemático que visa compreender a evolução do conceito de mundo-da-vida (*Lebenswelt*). Mostraremos, então, que já

no primeiro volume da obra *Ideen*<sup>3</sup> os pressupostos teóricos e conceituais já trazem à tona o tema mundo-da-vida em *Krisis* como problema fundamental que circundou a ciência do final do século XIX para o início do século XX. Nesse sentido, desejando demonstrar não comparações entre momentos do autor, mas visualizar sua evolução ou marcos-limites teóricos e conceituais e, por conseguinte, fazer o esforço de ampliar seu horizonte significativo para a ciência geográfica, uma vez, já ter sido considerado na tradição humanista.

Em *Crise* o tema mundo-da-vida se apresenta bem circunscrito no pensamento de Husserl, isto é, seu caráter toma forma como o mundo da existência concreta e histórico (MORUJÃO, 1988). Porém, segundo o autor, o conceito remonta já no primeiro volume das *Ideen* publicado no ano de 1913, isto é, já prefigurava a noção de *Lebenswelt*. Para Føllesdal (1991, p. 65) “*La primera mención de la problemática para la que más tarde introdujo el término ‘Lebenswelt’ tuvo lugar poco después en sus lecciones ‘Grundprobleme der Phänomenologie’ (1910/11), es decir, con anterioridad a Ideas*”. No entanto, é num manuscrito de 1917 que a palavra *Lebenswelt* foi introduzida, afirma o autor. De todo modo, tomemos como escolha didática alguns parágrafos da obra *Ideen*.

Desse modo, visualizamos mais de perto o que há de precedente nesta obra. Encontramos, portanto, no § 27 (“O mundo da atitude natural: eu e meu mundo circundante”), § 28 (“O *cogito*. Meu mundo circundante natural e os mundos circundantes ideais”), § 29 (“Os ‘outros’ sujeitos-eus e o mundo circundante natural e intersubjetivo”) e § 30 (“A tese geral da atitude natural”) o esboço que apontou Morujão sobre a evolução da expressão para o mundo-da-vida.

Na *Crise* Husserl (2012, p. 104) argumenta que o mundo-da-vida “é um domínio das evidências originárias” e, partir dessa afirmação, iremos buscar o quanto nos parágrafos supracitados o conceito já vinha sendo delineado. Já nas primeiras linhas, Husserl (1949) ao apresentar as “teses da atitude natural” (*Natürliche Einstellung*) e o “mundo circundante” (*Umwelt*) inicia-se as elucidações da natureza deste mundo, argumentando que nele temos consciência de um mundo

---

<sup>3</sup> *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie. Erstes Buch: Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie.* Halle a. d. S.: Verlag von Max Niemeyer, 1913.

que *aí* se apresenta em nossa vida desperta, imediatamente e intuitivamente; onde valorizamos e julgamos, percebemos e experimentamos.

Este mundo está persistentemente para mí “ahí delante”, yo mismo soy membro de él, pero no está para mí ahí como un mero *mundo de cosas*, sino, en la misma forma inmediata, como un *mundo de valores y de bienes*, un *mundo práctico* (HUSSERL, 1949, p. 66).

Assim, o mundo circundante dar-se intuitivamente não somente pelas percepções que nos afetam concretamente, mas por estes últimos forjam também a própria possibilidade de intuição de horizontes indeterminados<sup>4</sup>. Nesse sentido, o mundo apresenta-se estendido e infinito sobre as nossas intencionalidades. As coisas que se mostram sobre nós, além de revelar seu fato em si, se manifestam “*con cualidades de cosa, también con caracteres de valor, encontrándolas bellas y feas, gratas e ingratas, agraciadas y desgraciadas, agradables y desagradables, etc.*” (HUSSERL, 1949, p. 66).

Com efeito, o mundo enquanto este horizonte, assim se apresentando, abre um campo de percepções e de copresença intuitivamente claro ou não e, portanto, na sua condição de abertura dos objetos reais (temporais), Husserl o destaca enquanto o mundo da ordem do ser. O campo de nossas experiências em que circunda imediatamente as realidades determinadas e indeterminadas é, então, a possibilidade intuitiva de apreensão das formas fixas do mundo espacial e temporal (HUSSERL, 1946). Com efeito, neste seu puro viver imediatamente, o *cogito* dar-se sem qualquer comprometimento com a reflexividade. A habitualidade deste mundo é o fato de viver naturalmente nele – no sentido mais comum da palavra –, isto é, viver em “atitude natural”. *El mundo natural sigue entonces ahí delante; después, lo mismo que antes, sigo en la actitud natural, sin que me lo estorben las nuevas actitudes* (HUSSERL, 1949, p. 67).

No § 29 Husserl busca problematizar a intersubjetividade no mundo circundante natural. O outro que se apresenta perante a nós, temos experiência

<sup>4</sup> “E como a coisa singular só tem sentido na percepção por meio de um horizonte aberto de ‘percepções possíveis’, na medida em que o que é propriamente percebido ‘aponta’ para uma multiplicidade sistêmica de apresentações perceptivas possíveis que coerentemente lhe pertencem, a coisa tem novamente um horizonte: em face do ‘horizonte interior’, um ‘horizonte exterior’, precisamente como coisa de um *campo de coisas*; e isto aponta, por fim, para o ‘mundo como mundo da percepção’” (HUSSERL, 2012, p. 132).

deles como parte do nosso próprio mundo circundante. Assim, sua presença como um homem diante de mim, faz emergir compreensões do eu do que ele representa ou possa representar enquanto homem no mundo – o que ele é no mundo. Nesse sentido, na intersubjetividade de compartilhamento Husserl considera como sujeitos-eus, isto é:

Pero esto ele tal suerte, que concibo su mundo circundante y el mío como siendo objetivamente un mismo mundo, del que todos nosotros nos limitamos a tener conciencia de diverso modo. Cada uno tiene su lugar desde donde ve las cosas que están ahí delante, y por eso se le presentan a cada uno las cosas de diversa manera. También son para cada uno diversos los campos de percepción, de recuerdo, etc., actuales, prescindiendo de que incluso aquello de que se tiene conciencia en ellos en común o intersubjetivamente se presenta a la conciencia en diversos modos de apercepción y grados de claridad, etc. (HUSSERL, 1949, p. 68).

Com efeito, o mundo circundante dos outros se compreende como nosso e vice-versa. Ele é pertencendo, aponta Husserl, conjuntamente a todos, como realidade objetiva espacialmente e temporalmente, ou seja, como mundo circundante de todos nós. Há sempre diante de nós uma realidade que se apresenta, não somente como percepção externa, mas que revelam percepções internas que valoram e julgam. Nesse sentido, que a presença do outro, também, toca o mundo circundante de todos em atitude natural. Cabe ponderar então, que o mundo não pode ser pensado como um amontado de coisas, desordenadas e fluentes no espaço, ele é, decisivamente, o horizonte onde todas as coisas existem e estão contextualizadas, do qual nos dirigimos intencionalmente (SOKOLOWSKI, 2000).

Diante da certeza que se impõe na atitude natural, o mundo que estar *aí* para (diante) mim e para todos nós, se apresenta como validade de ser (FINK, 2012). Diante desta validade, a atitude natural, enquanto ingenuidade do ato de viver naturalmente no mundo, Husserl irá conduzi-lo para uma suspensão de juízo, ou pô-lo entre parêntese como tarefa radical de sua filosofia. No entanto, Husserl considera (§ 30) que não se trata de questioná-lo ou duvidar, pois, nada altera a “tese da atitude natural”; além do mais, caberia a tarefa das ciências da atitude natural compreendê-lo cientificamente. Sobre este último argumento, as ciências da atitude natural estariam preocupadas com o mundo-da-vida em seu sentido

ontológico. Considera-se então o mundo-da-vida circundante ou mundo circundante da vida (*Lebensumwelt*) como tarefa dessas ciências, do qual jaz sua própria realização.

Em Crise, no § 51 (“A tarefa de uma ‘ontologia do mundo da vida’”), Husserl (2012) apresenta de forma breve o mundo em atitude natural ingênua – anterior a *epoché*<sup>5</sup> –, podendo ele ser tema de uma ciência própria. Neste mundo efetivo das experiências, dado como válido para todos nós, as dimensões culturais – como puro fato histórico –, as coisas e os objetos do mundo, estariam orientados para as investigações das ciências objetivas, uma vez, partirem de sua pura evidência. Portanto, “A forma ontológica do mundo é a do mundo para todos” (FINK, 2012). Nesta situação de *common sense* (do mundo circundante cotidiano), o conhecimento obedece a relação de sujeito-objeto, uma vez, todas as nossas vidas de atos orientar-se para os entes deste mundo válido. Portanto, após a primeira apresentação que buscou orientações gerais sob os entendimentos do mundo circundante, e as compressões complementares do mundo-da-vida circundante, vejamos seu salto para o mundo-da-vida como “solo” originário da vida significativa.

### 3. Geografia e *Lebenswelt*: algumas considerações

Para Moran (2002), as reflexões de Husserl sobre a intuição mundana o conduziu para o ambiente do mundo-da-vida. Segundo o autor, ainda focado no que é dado intuitivamente na experiência, Husserl busca desenvolver em “*Erfahrung und Urteil*” (1938) as estruturas originárias das experiências antepredicativas, ou seja, as experiências antes do julgamento<sup>6</sup>. Porém, não iremos entrar no teor filosófico desta discussão e obra. Dando continuidade, sem qualquer interesse com as representações ingênuas do mundo da atitude natural e da ciência objetivista, Husserl irá realizar a *redução* e *epoché* (**perda** do mundo) a fim de alcançar a evidência originária do mundo-da-vida.

<sup>5</sup> Suspender a “tese do mundo”; por fora de vigência sua validade; por entre parênteses os pré-conceitos; suspensão dos juízos.

<sup>6</sup> Traduções da obra póstuma de Husserl: *Expérience et Jugement*. Tr.: Denise Souche-Dagues. Paris: P.U.F., 1991; *Experience and Judgement*. Northwestern University Press, 1973.

O caminho (método) para a construção de uma nova ciência do mundo-da-vida será definido a partir da *redução* (com seus sentidos) que possibilitará a primeira e fundamental “suspensão”, ou seja, a *epoché* das ciências objetivas. [...] é pela analítica promovida pela *epoché* que será possível dar o “primeiro passo” para a conquista do mundo-da-vida (*Lebenswelt*) (GOTO, 2008, p.151).

Esta tarefa, a partir da redução fenomenológica, visa recuperar o mundo-da-vida antes obstruído ou negligenciado pelas ciências positivas. Portanto, de forma mais claro, o que o mundo-da-vida, após sua **recuperação**, traz de riqueza. Sem querer conceituar, apresentamos algumas palavras chaves que mostram seu conteúdo fundamental. 1) A **experiência antepredicativa**: o mundo natural, mundo objetivo e as idealizações da ciência positiva nos forjam para uma experiência predicativa, do qual os valores, as crenças determinam nossos julgamentos *a priori*. Portanto, a experiência antepredicativa constitui uma experiência originária antes do julgamento. 2) Nesta condição, emerge também, um mundo não **lógico-teórico** cientificamente. 3) Com efeito, o mundo-da-vida ganha seu caráter **pré-teórico**, ultrapassando o saber científico já constituído 4) Portanto, seu caráter é **pré-científico** pois não se constitui a partir das idealidades lógicas das ciências positivas, mas sim, de uma experiência originária e dos vários sentidos de mundo dos homens entre homens, dele com as coisas (GOTO, 2008).

Há no mundo-da-vida um agir orientado pelo entendimento que é anterior as predicções científicas. Dardel (2011) move este pensamento quando ergue que há uma geografia vivida em ato que precede sua cientificidade. Dardel ao conduzir uma crítica à realidade geográfica em seu mero aspecto material nos traz mais elementos convergentes: “A realidade geográfica é, para o homem, então, o lugar onde ele está, os lugares de sua infância, o ambiente que atrai sua presença” (DARDEL, 2011, p. 34). Este pensamento nos move a refletir sobre uma *geografia* mais próxima de uma constituição originária do mundo-da-vida. Se a Geografia quer também seu retorno ao mundo-da-vida, suas idealizações objetivistas devem ser suspensas a fim de reencontrar o mundo “verdadeiramente” humano desarraigado das representações sociais e morais epistemologicamente construídas.

Antes mesmo das representações, as pessoas criam sentidos de mundos do qual é constituído pelas as estruturas do mundo social pré-dado. Sobre este tema lembremo-nos das palavras de Alfred Schutz onde:

Portanto, o mundo social no qual o homem nasce e no qual ele precisa encontrar seu caminho é experienciado por ele como uma estreita rede de relações sociais, de sistemas de signos e símbolos, com sua estrutura particular de significados, de formas institucionalizadas de organização social, de sistemas de status e prestígios etc. (SCHUTZ, 2012, p. 92).

Porém, o mundo social é naturalmente dado, é o mundo sociocultural herdado; onde põe em segurança todo nosso saber. Parece-nos que aqui voltamos à atitude natural antes suspenso nas considerações fenomenológicas de Husserl. Não é bem assim. De fato, a ciência geográfica historicamente trabalha sobre esta “produção social” no mundo (ou no espaço), no entanto, peca ao tratar seu conteúdo e forma em caráter linear, objetivo e representativo. Esta última, como possibilidade do conhecimento limita-se a aparência da coisa, ou seja, o fenômeno não ultrapassa seu conteúdo de representação da coisa. Lembramos que o fenômeno é aquilo que se mostra por si mesmo e, portanto, a fenomenologia é, então, a descrição do fenômeno na sua manifestação originária. As investigações de um geógrafo humano sobre o mundo social pautadas nas representações deste mundo podem, então, cair em meros fatos, ou melhor, num realismo ingênuo.

O mundo social oferece subsídios e significações (conhecimentos herdados) para as pessoas e grupos e, por seu turno, o mundo-da-vida descortina estes sentidos constituídos intersubjetivamente nas suas particularidades. Com efeito, antes de qualquer compreensão subjetivista, no sentido pejorativo, como lembra Relph (1979), o mundo-da-vida emerge como o mundo historicamente construído, de um autoconhecimento e, por outro lado, o lugar (as “geografias pessoais”) onde cada indivíduo tem atitudes e ações diferenciadas, ou melhor, diferentes experiências (RELPH, 1970). É nesse sentido, que alguns geógrafos humanistas passaram a considerar o espaço vivido como uma derivação do munda-da-vida. Por seu turno, Buttimer busca, também, conduzir a relação da fenomenologia com o as definições do mundo-da-vida: “Mundo vivido sugere essencialmente as dimensões pré-reflexivas e tomadas como certas, das experiências, os significados não

questionados e determinantes do comportamento” (BUTTIMER, 1985, p. 172). A autora fala da experiência humana no espaço, embora sem muito rigor com procedimentos fenomenológicos supracitados, buscar as vivências do mundo cotidiano, ou como chama, da vida diária. Ainda que o mundo-da-vida tenha ganhado espaço no pensamento da tradição da geografia humanista, não se tornou fundamento essencial. Preservou-se, com razão, a categoria espaço (vivido) como estrutura das relações sociais.

Neste pequeno esboço, temos de um lado, uma geografia do mundo circundante, preocupada com as atividades das pessoas concretamente. Lembramos Husserl quando fala das ciências da atitude natural. Assim, uma ontologia geográfica nasce nesses procedimentos de investigação, ainda que pautadas nas experiências predicativas. Por outro lado, temos as possibilidades de uma geografia originária, enquanto esta uma ciência do mundo-da-vida, preocupada com as essências do fenômeno, das experiências antepredicativas. Nesta última, convergimos com o que Goto (2013) chamou de geografia eidética. Diante disso, portanto, uma elucidação deve-se deixar claro: mundo cotidiano não é mesma coisa que mundo-da-vida. Porém, podem elas serem complementares.

Portanto, o mundo-da-vida chama a ciência geográfica para uma nova tarefa: do pensar e do proceder. Qualquer indício de objetivismo na ciência geográfica, seja o olhar para a história, para o homem, sobre natureza, sobre ela mesmo, estamos afirmando dicotomias, disciplinaridades, positivismos, o homem visco apenas como fato. Além do mais, reforça o distanciamento com o mundo-da-vida. Com isso, teríamos uma ciência geográfica preocupada com a experiência, suas intersubjetividades, vontades, valores, intenções e, por outro, a possibilidade de compreender o sentido de mundo construído por estas pessoas.

Assim, reforçando conhecimentos pautados numa razão prática do mundo-da-vida, conhecimentos dos lugares e não daqueles impostos pela normatividade das instituições. O mundo-da-vida é, então, a possibilidade de uma crítica da razão epistemológica e do conhecimento. De desse modo, uma “geografia do mundo-da-vida” põe-se a pensar, em primeiro nível, à sua racionalidade: homem-mundo-Terra. Reflete para si mesmo e para fora, sua constituição enquanto ciência e ver que sua epistemologia não é um roteiro acabado e, portanto, quer mais explicações. Nesse

sentido, verá que o conhecimento não é objetivo, não é um imperativo de suas inquietações, mas emerge conjuntamente com o mundo-da-vida, daqueles das experiências cotidianas, das angústias, das dores, dos amores, dos valores, das intencionalidades.

## Referências

BIEMEL, Walter. Las fases decisivas del desarrollo de la filosofía de Husserl. In.: **Husserl – Cahiers de Royaumont**. Husserl Tercer Coloquio Filosófico de Royaumont. Tradução de Amalia Podetti. Buenos Aires: Paidós, 1968.

BUTTNER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1985. pp. 165-193.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FINK, Eugen. Atitude natural e “Epoché”. A “efetuação” da validade do mundo: Qual a efetuação que é inibida na “Epoché”. In.: HUSSERL, Edmund. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental**: uma introdução à filosofia fenomenológica. São Paulo: Forense Universitária, 2012.

FØLLESDAL, Dagfinn. El concepto de *Lebenswelt* en Husserl. **Boletín de la Sociedad Española de Fenomenología**. Numero IV, 1991. pp. 49-77

GOTO, Tommy Akira. Fenomenologia, mundo-da-vida e crise das ciências: a necessidade de uma geografia fenomenológica. **Geograficidade**, v.3, n.2, Inverno 2013.

\_\_\_\_\_. **Introdução à psicologia fenomenológica**: a nova psicologia de Edmund Husserl. São Paulo: Paulus, 2008. – (Coleção Temas de Psicologia)

HUSSERL, Edmund. **Ideas Relativas a una Fenomenología Pura y una Filosofía Fenomenológica**. Trad. José Gaos. México: Fondo de Cultura Económica, 1949.

\_\_\_\_\_. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental**: uma introdução à filosofia fenomenológica. São Paulo: Forense Universitária, 2012.

MORUJÃO, Alexandre Fradique. Estrutura e sentido do “Mundo da Vida”. **Revista portuguesa de Filosofia**. T. 44, Fasc. 3, Jul. - Sep., 1988. pp. 367-381.

MORAN, Dermot. **Introduction to phenomenology**. London and New York: Routledge, 2002.

PICKLES, John. **Phenomenology, science and geography**: spatiality and the human sciences. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. 220p.

RELPH, Edward C. An inquiry into the relations between phenomenology and geography. **Canadian Geographer**, XIV, 3, 1970.

\_\_\_\_\_. **As bases fenomenológicas da geografia**. Geografia, v. 4, n.7, p.1-25, abr. 1979.

RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, José Luis. La fenomenología trascendental y la crisis de la ciencia y de la vida. **Anuario Filosófico**. Universidad de Navarra, vol. 7, 1974. pg. 311-368.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introduction to phenomenology**. Cambridge University, 2000.

ZILLES, Urbano. A Fenomenologia husserliana como método radical. In: HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Introd. e Trad. Urbano Zilles. - 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.